

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU*: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

Transcendência e imanência na poesia dos heterônimos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro

Luiz Antonio Valverde

Universidade Estadual de Feira de Santana

Para Giorgio Agamben (2005), o homem, ao falar, expropria-se da infância. Mas a infância, aqui, não é anterior à linguagem. Ela se constitui mesmo na “expropriação que a linguagem dela efetua, produzindo a cada vez o homem como sujeito.”(AGAMBEN, 2005, p. 59). Este abandona, então, o reino da pura língua, em que joga com os elementos semióticos, e adentra o universo da semântica. Ao fazer uso da linguagem o homem rompe com a infância, marcada pela experiência, e institui-se como sujeito. Assim, o sujeito seria uma “realidade de discurso”, uma sombra lançada sobre o homem pelo sistema dos indicadores de elocução...”(AGAMBEN, 2005, p.57). Pelo advento da linguagem, se constitui o homem. Dá-se a ruptura com o tempo linear, e institui-se o tempo histórico, marcado pela descontinuidade.

A história surge no momento em que o homem põe a girar os signos, tentando estabelecer a comunicação com o outro, ao tempo em que nomeia coisas, fenômenos e estabelece verdades. E para estabelecer essa comunicabi-

lidade, apoia-se no que foi traçado no âmbito da cultura, seara móvel e inconsistente, que retira o homem à experiência direta de pegar, olhar, sentir. A partir do discurso instaurado como mediador entre o homem e o mundo, há uma espécie de perda do mundo. O homem passa a habitar esse permanente fora, que tangencia, mas não adentra os fenômenos e acontecimentos. Deixa o reino dos sentidos biológicos, para viver na sintonia dos significados criados pela tradição cultural. A história é então marcada por essa supra-natureza, criada pelo emaranhado discursivo, que se contrapõe à natureza. A insuficiência do discurso, sempre móvel, retira o homem ao paraíso das conexões primárias e contínuas. O discurso instaura o semelhante como parâmetro. Cria um sistema de analogias que gira em torno da coisa, infla-a de sentidos que a distanciam em perspectivas imaginárias e inatingíveis. Na contramão desse percurso antropológico consolidado na cultura, veremos os heterônimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos tecerem os fios de uma poética, que busca restaurar o estado de infância e de presença, enquanto olhar e modo de enunciação dos fenômenos.

Podemos dizer que, essencialmente, o ser poeta, retoma no seu fazer as origens ancestrais do homem, misturando os atributos conferidos aos primeiros feiticeiros, através de rituais, proferindo palavras mágicas, responsáveis pela manipulação das forças do desconhecido, tentando domar a natureza e influenciar o destino. Os primeiros feiticeiros foram criadores de poesia, uma linguagem ritmada que articulava saberes, crenças, buscando poder sobre os fenômenos e acontecimentos.

Essa dimensão do ser poeta, nas idades prístinas, permanece, mesmo na modernidade dessacralizada, ele mantém esse atributo de transcender o imediato e lançar o homem em abismo, demolindo mundos e erguendo outros. O poeta, igualmente transcende a sua história individual, o mundo dado, com seus chamados e subversões do estado de infância, e vai buscar no seu inconsciente individual e no coletivo o equilíbrio perdido. É próprio do eu em estado lírico essa busca da Idade de Ouro, tanto na história da evolução humana, como pessoal, que antecede a queda, do estado de infância no discurso, de que fala Abamben (2005), ou a queda mítica, como nos mitos de Adão, no Velho Testamento e Prometeu, na Mitologia Grega.

É próprio do poeta, imbuído de seus atributos sensíveis, emitindo alertas, tentar escapar ao que Heidegger (2005, p. 178-188) chama “medianidade”, fruto do ser-com, em que a própria presença dos outros nos determina existencialmente: “Nas ocupações com o mundo circundante, os outros nos vêm ao encontro naquilo que são. Eles são o que empreendem. [...] a presença, enquanto convivência cotidiana” está “sob a tutela dos outros” (p. 178-9), sendo-nos subtraído o ser.

Fernando Pessoa é um desses magos egrégios, portadores de uma força no dizer que consegue criar personalidades tão enfáticas, quanto diversas, eus enunciadores que se destacam uns dos outros, atestando a fragmentação do homem moderno, que pode ser muitos, simultaneamente.

Os heterônimos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro, com suas dicções bem acentuadas, têm em comum o se

despirem do mundo para poder olhar. Esse aparente alheamento, mais do que um descompasso, mal-estar ou estranhamento com os chamados da civilização, é marcado por um entrar na pele do mundo, estado de superfície que transcende, para alçar a experiência e ver com clareza, para além das ilusões. Poderíamos dizer, que esses eus enunciadores evaporam desejos, conseguem o estado perfeito que teria uma criança olhando tudo como novidade, deslumbramento, sem compromissos com os ditames da cultura, que comprometem a atuação dos sentidos.

Álvaro de Campos começa o poema “Tabacaria” com a negação do ser “Não sou nada”, anulação que mostra a condição humana, quando o Ser se despe de suas ilusões. A seguir, fala das janelas do seu quarto, ele, um anônimo entre milhões que ninguém sabe quem é, “E se soubessem quem é, o que saberiam?” O eu enunciator declara aí a inutilidade de qualquer identificação, o homem é o nada, porque é figurante do grande mistério, que pensa ter uma personalidade, que não se concretiza. Todos, no fundo, são muito mais iguais do que aparentam. E aí, vem a interrogação do poeta: “se soubessem quem é, o que saberiam?”. Para Heidegger, “A tendência de ser-com que denominamos de espaçamento funda-se no fato de que a convivência, o ser e estar um com o outro como tal, promove a *medianidade*.”

Essa medianidade, designando previamente o que se pode e deve ousar, vigia e controla toda e qualquer exceção que venha impor-se. Toda primazia é silenciosamente esmagada. Tudo que

é originário se vê, da noite para o dia, nivelado como algo de há muito conhecido.” (HEIDEGGER, 2005, p. 179-180)

A interrogação do eu lírico, “o que saberiam?”, remete criticamente a esse efeito manada, ao que Ortega y Gasset aponta como prática humana da repetição e imitação, em que as pessoas agem impensadamente, imitando os movimentos dos outros, assim como falam, sem refletir, por mera repetição do que ouvem dizer.

Ao longo dos poemas “Tabacaria” e “O guardador de rebanhos”, aqui estudados, observa-se essa resistência e constantes alertas emitidos, pelos eus enunciadores, contra os usos e crenças da cultura. Assim, Campos, em “Tabacaria”, ainda falando do seu quarto, lança luz sobre a gratuidade e transitoriedade da existência, “Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente”. O verso apresenta a imagem poético-filosófica do vazio que somos, enquanto seres fantasmáticos, projetando-se com a ideia de Ser, um manto protetor, de ilusões, que vestimos para enfrentar a caminhada, de um ponto a outro do nada. E permanece o grande mistério. O eu lírico se coloca entre o real aparente e o mistério que as coisas e seres ocultam. “Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,” porque é “real”, embora traga o “mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres”. A rua, realidade aparente, representa a negação da possibilidade de se pensar, pelo poder de imposição e agenciamento cultural naturalizados, ganhando assim status de realidade, com suas verdades escancaradas pela estrutura econômica,

crenças, sociabilidades. O deus Destino é, enfim, o guardião das relações e do pensamento. “o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada do nada,”. O deus Destino figura no imaginário conteúdos ideológicos para que tudo permaneça como está, anestesiando a consciência e tolhendo a especulação crítica. Contra esse sistema das verdades aparentes, se insurge o poeta, transcendendo o contexto espacial opressor e reducionista das possibilidades para alçar sua “imensidão interior”, exprimir a “grandeza oculta, uma profundidade”, como afirma Bachelard (2003, p. 191). O eu enunciador desborda as fronteiras da vida, atingindo a lucidez dos moribundos. “Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade. // Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer, // E não tivesse mais irmandade com as coisas”. No leito de morte o espírito alcança o desprendimento das coisas, muito além do desejo, ultrapassando todas as ilusões. Mas não é necessária a morte. Os eus enunciativos do poeta Fernando Pessoa se sustentam no conhecimento zen-budista deste mestre. Na religião budista, a alma precisa se desapegar, transcender as ilusões da matéria. Só assim deixará de se reencarnar, enquanto individualidade, retornando por fim ao grande oceano cósmico, como uma gota de água que retorna ao leito oceânico, integrando-se à totalidade. Nos versos que se seguem, vemos a grande dicotomia do espírito: “Estou hoje dividido entre a lealdade que devo // À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora, // E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.” O eu se encontra nessa fronteira de lucidez e opacidade. O poder de

agenciamento das coisas e acontecimentos do mundo chamado real tenta agarrar o ser com suas tenazes. Mas este bifurca-se, transcende, e olha com a voz interior, que diz tudo não passar de um sonho. O eu enunciador, de Álvaro de Campos foca a amplitude, com que consegue enxergar a totalidade humana e fixa-la em imagens únicas. Mas como pode realizar o sonho, se muitos também sonham sonhos diversos? “Ser o que penso?” “Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo // Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?”. Para Bachelard, “A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna na solidão... A imensidão é o movimento do homem imóvel... do devaneio tranquilo.” (2003, p. 190) É na solidão de seu quarto que o eu lírico desse heterônimo pessoano enxerga, metonimicamente, a amplitude do cosmos buscando soluções para a falta de sentido do existir. “Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas –, // E quem sabe se realizáveis, // Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?”. Há um desencanto com o mundo, ao sentir que as boas e altas intenções não conseguem emergir, tomar espaço no mundo dos fenômenos e das coisas. Como, então, acreditar em si e em qualquer outra coisa que venha dos humanos? “Crer em mim? Não, nem em nada. // Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente // O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo”. Para o nada que representam as ações humanas, Campos prefere os fluxos da natureza, a experiência direta com os elementos: o fogo, representado pelo sol, o elemento

água, pela chuva, e o elemento ar, representado pelo vento, que evoca sobre si, como um banho sensitivo, aquém de qualquer obra humana ou possibilidade de dizer o mundo. Vem daí o desencanto do poeta “Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.” “Mas ao menos fica a amargura do que nunca serei // A caligrafia rápida destes versos, // Pórtico partido para o Impossível.” Afirma-se aqui a frágil condição humana, que se alicerça no discurso, e para além do discurso, na palavra poética, fundadora de mundos e tentativa desesperada de construir uma verdade, uma porta de passagem, seja religiosa, filosófica ou do conhecimento empírico, com que se possa se aprumar na escuridão dos mistérios.

O eu enunciador do heterônimo Álvaro de Campos desconstrói qualquer esperança de superioridade do homem, aqui rebaixado a sua mais ínfima condição: “Nobre ao menos no gesto largo com que atiro // A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,” “Meu coração é um balde despejado // Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco // A mim mesmo e não encontro nada.”. Nesse percurso simbólico, o programa da desconstrução é prioritário, para que o homem agenciado pelas palavras edificadoras, ultrapassando a ilusão, possa abrir caminho ao estado de imanência, uma postura sensitiva, que prescinde da intermediação discursiva, como porta de entrada no mundo. Para além do discurso, o eu lírico constrói um plano de imanência, “Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta” “E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo”. O mundo chamado real é um

tipo de condenação ao degrado, alienação da história que interfere no estado puro de ser.

Em “Tabacaria”, o eu lírico sente esse estranhamento, entre a infância que traz em si e o mundo humanizado, “E tudo isto é estrangeiro, como tudo.”, “Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo // E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente.”. Nota-se aqui o conflito entre ser em si e ser para o grande outro, representado pela cultura. A imagem do rabo decepado que vai por si remexidamente, flagra esse intuito de aprofundar a cisão com a cultura, para fazer valer a natureza em si, respeitando a propensão e vocação intrínseca das coisas, seus movimentos espontâneos, a manualidade, de que fala Heidegger, alguém do discurso no apropriar-se das coisas, inspirando-se nelas, para seu uso.

E, aí, observamos esse dilaceramento final, flagrando a perdição do homem, no bojo dos processos de subjetivação, levados a cabo pelas estruturas de agenciamento corporais e discursivos, de que falam Deleuze e Guattari (2004, vl. 1). Campos encaminha o *gran finale* do poema, colocando sua pretensa humanidade em xeque: “Fiz de mim o que não soube, // E o que podia fazer de mim não o fiz. // O dominó que vesti era errado. // Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.” “Quando quis tirar a máscara, // Estava pegada à cara.” Os versos são uma exaltação à liberdade e um alerta aos que negociam subjetividades com os chamados e expectativas sociais. De tanto encenar papéis atribuídos ou por escolhas feitas em regime liberdade aparente, regidas por uma falsa

consciência, acabamos pregados na própria mentira, da qual não é mais possível, a certa altura, se desvencilhar. Aos últimos acordes desse desconcerto do mundo, o eu lírico rasga o véu das ilusões, falando da transitoriedade das coisas materiais e simbólicas. “Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos. // A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos [também. // Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta, // E a língua em que foram escritos os versos. / Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.” “E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.” Antes que um canto de desespero, por vermos que até mesmo o nosso planeta oásis um dia não passará de um deserto estéril perdido no espaço, sem vestígios de qualquer obra humana, o poema é um chamado, para que nos dispamos das ilusões construídas pela cultura e construamos um plano de imanência sabendo ouvir, antes de tudo, o nosso corpo, e suas interações com a natureza, fonte de toda a sabedoria.

Por seu turno, no poema “O Guardador de Rebanhos”, o heterônimo Alberto Caeiro fala com muita sensibilidade dessa entrega do espírito aos fluxos da natureza, guardando a pureza e sabedoria dos pastores de ovelhas. “Minha mão é como um pastor, // Conhece o vento e o sol // E anda pela mão das Estações // A seguir e a olhar. // Toda a paz da Natureza sem gente // Vem sentar-se a meu lado,”. Essa imagem da paz que se senta a lado do eu enunciador torna-se um símbolo de ultrapassagem das ilusões humanas. Representa esse despojar-se dos desejos, num processo de

transcendência, para poder ser simples, irmão das coisas que se calam, e se entregam a apenas ser. “Mas eu fico triste como um pôr de sol/” “Mas minha tristeza é sossego” “Não tenho ambições nem desejos // Ser poeta não é uma ambição minha // É a minha maneira de estar sozinho.” A poesia acompanha esse processo de transcendência, no sentido zen-budista, de suplantar os desejos, silenciar o espírito, para possibilitar o contato íntimo com as coisas e fenômenos. A atitude do poeta, aqui, é tentar dizer o indizível, refundar o idioma, para poder mudar os homens. Esta é sua ação política. Se não a tivesse, guardaria o silêncio dos ascetas, ou se somaria às massas, e seria mais um, igualmente silenciado. Essa é a dicotomia que Caeiro enfrenta, propor o recolhimento e, no entanto, falar renovado, proferir palavras com um novo ímpeto e frescor, como se brotassem do oráculo. José Gil (2000, p.17-8) argumenta que “A obra de Caeiro encontra-se com o olhar do primeiro homem, mas após a construção e a destruição das civilizações que se sucederam na Europa [...] ela é o resultado espontâneo de todo esse processo, reencontrando a visão da infância e a da aurora da humanidade...”, mas com sutilezas de caráter especulativo. Gil faz essa ressalva, sobre o tom especulativo que, entretanto, não vemos. Em Campos, constatamos essas “sutilezas especulativas”, mas, Caeiro mantém uma distância com o mundo, estabelecendo um fora conceitual, que é o propulsor de uma nova dizibilidade. Trata-se de um dentro, que prenuncia um fora, sem o qual seria só silêncio. Ele vai ao princípio, ao processo primordial de autoconstrução humana, empreendido pelos nossos

ancestrais, através do ritmar dos signos linguísticos, visando a organizar o trabalho, assim como se comunicar com as forças ocultas, com que vai aos poucos construindo seus mitos e a si mesmo como homem. Esse é o elo ancestral, que religa os poetas ao longo do tempo, com as origens. Não importa que estejamos na era do racionalismo. O falar com autoridade, desentranhando os mistérios, que reportam à infância, aos primeiros homens, está na gênese do ser poeta, no calibre de poetas como Pessoa, que são capazes de ser instrumento para versos como: “Meu olhar é nítido como um girasol” “ E o que vejo a cada momento // É aquilo que nunca antes eu tinha visto, // E eu sei dar por isso muito bem... // Sei ter o pasmo essencial // Que tem uma criança se, ao nascer, // Reparasse que nascera deveras... // Sinto-me nascido a cada momento // Para a eterna novidade do mundo...” Essa é uma proposta teórica e existencial, para aqueles que se propõem ao ofício de poeta, assim como aos simples leitores, como um *modus vivendi*, que possa reinstaurar a inocência perdida, recolocar o homem no caminho de sua humanidade. Pelo lado teórico, temos ainda a acrescentar o fato de que o percurso criativo de Caeiro se estabelece como contraponto a toda a poesia exclamativa, artificiosa, que busca frases de efeito, que muitas vezes não vão além da reconfiguração de metáforas gastas, em conformações formalistas. Filosoficamente, notamos nos heterônimos, apesar de um teor especulativo em Campos, um processo de imersão budista no universo, para fazê-lo falar de forma renovada, procurando reeducar o homem desvairado do nosso tempo, em busca

do equilíbrio perdido, um estado de presença, num permanente aqui e agora.

Dando sequência a essa elocução poética, que coloca o autor entre os maiores gênios artísticos da humanidade, em todos os tempos, Caeiro aporta uma nova maneira de se debruçar sobre o mundo, buscando alcançá-lo com os sentidos, “Creio no mundo como num malmequer, // Porque o vejo. Mas não penso nele // Porque pensar é não compreender...” “Pensar é estar doente dos olhos)” “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos” “Amar é a eterna inocência, // E a única inocência não pensar...” Há metafísica bastante em não pensar em nada.” “Quem está ao sol e fecha os olhos, // Começa a não saber o que é o sol // E a pensar muitas cousas cheias de calor. // Mas abre os olhos e vê o sol, // E já não pode pensar em nada, // Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos // De todos os filósofos e de todos os poetas.”. Observa-se, nesses versos, a proposta de negação da especulação, da racionalidade. Caeiro adota o método da intuição sensível, em que os objetos, como fala Garcia Morente (1930, p. 48-9), “se oferecem aos sentidos, ... nos são imediatamente dados”. O tratamento imanente dado a essa intuição, em Caeiro, entretanto, não segue a trilha cartesiana, de adentrar os conceitos, tentando lançar luz sobre eles, tendo como horizonte de especulação o mundo real, mas a imanência se reduz ao fruir intramundano, anterior a qualquer especulação. Os objetos e fenômenos se bastam por si mesmos, “Sejamos simples e calmos, // Como os regatos e as árvores, // E Deus amar-nos-á fazendo de nós // Belos como as

árvores e os regatos, // E dar-nos-á verdor na sua primavera, //E um rio aonde ir ter quando acabemos!...”. Essa imagem relembra o oceano cósmico do budismo, a gota d’água insignificante, que somos, retornando finalmente ao seu berço, em que tudo, finalmente, será a quietude eterna. Cumpre ressaltar que o eu enunciador cai numa contradição ao propor transcender o mundo das ideias, dos *a priori*, para ficar a sós com o mundo, e rasga esse véu etéreo de sensibilidade, reintroduzindo a ideia gasta de deus. No que se segue, retoma o percurso da sensibilidade para nos dar a verdadeira bússola, a palavra mágica: “desaprender”. “O essencial é saber ver, // Saber ver sem estar a pensar, // Saber ver quando se vê, // E nem pensar quando se vê // Nem ver quando se pensa. // Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida), // Isso exige um estudo profundo, // Uma aprendizagem de desaprender”. O mundo encontra-se tão saturado de ideias que levaram o homem para uma transcendência manipulada pelos aparatos ideológicos, e a cartografia a seguir, seria o esquecimento para retomar, da infância individual e enquanto espécie, dando pistas para um mundo renascido, ao sabor de imagens poéticas de caráter fundador de novos estados de ser. E aqui concluo com o silêncio, porque Caeiro é bem mais importante. Fiquemos com suas borboletas: “As cousas são o único sentido oculto das cousas.” “Passa uma borboleta por diante de mim // E pela primeira vez no Universo eu reparo // Que as borboletas não têm cor nem movimento, // Assim com as flores não têm perfume nem cor. // A cor é que tem cor nas asas da borboleta, // No movimento da bor-

boleta o movimento é que se move, // O perfume é que tem perfume no perfume da flor. // A borboleta é apenas borboleta // E a flor é apenas flor.”

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio (2005). *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte, UFMG.

AGAMBEN, Giorgio (2006). *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

BACHELARD, Gaston (2003). *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix (2004). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, vl.1.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix (2005). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, vl.2.

DURAND, Gilbert (2002). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes.

GIL, José (2000). *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

HEIDEGGER, Martin (2005). *Ser e tempo*. Petrópolis, Editora Vozes, Parte I.

KAPLEU, Philip (1978). *Os três pilares do zen*. Belo horizonte, Itatiaia.

MORENTE, Manuel G. (1930). *Fundamentos de filosofia*. São Paulo, Mestre Jou

PESSOA, Fernando (1986). *Obra poética e em prosa*. Porto, Lello & Irmão – Editores, Vl. 1.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
um seletto grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reazidado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Mais um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br